



Onésimo Teotónio Almeida

Álamo, seis vezes pensei em ti.

... e apesar disso distraí-me com a data e enviando demasiado tarde o vídeo solicitado pela Biblioteca para a tua homenagem.

A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo inaugurou uma exposição sobre Álamo Oliveira, escritor (poeta, romancista, dramaturgo e artista múltiplo - encenador, declamador, pintor), em celebração do seu 75º aniversário. Personalidade dificilmente enquadrável em qualquer género ou escola, na ilha Terceira e nos Açores Álamo Oliveira é simples e sobejamente conhecido por "Álamo". À volta da sua obra (e da sua pessoa) reúne-se um consenso generalizado sem oposição: é uma figura singular na longa e rica história da cultura açoriana.

Em 1971, Álamo Oliveira publicou um extraordinário livro de poemas que hoje leio como uma autobiografia poética *avant-la-lettre*. Intitula-se *Pão Verde* e traz um prefácio de Natália Correia que, entre outras afirmações, diz tratar-se de "uma aquisição decisiva para uma exegese da psicologia da insularidade que está por fazer no âmbito da literatura açoreana", acrescentando em jeito de *caveat*: "Não se julgue [...] que o interesse deste livro se limita ao contexto de uma produção poética local. Ele suporta confrontos com a mais recente poesia de melhor qualidade que tem surgido no Continente!". Um dos poemas (o livro contém 38, num total de 60 páginas) "Manuel, seis vezes pensei em ti" serviu-me para a paráfrase do título da presente crónica. Mais tarde, Álamo desenrolou o poema transformando-o numa peça de teatro que surgiu também em livro em 1977. Um poema de *Pão Verde* que me parece emblemático por captar a uma biografia-a-fazer-se é "Poema-flor-e-flores", quase a abrir o volume. Vou servir-me desses versos para resumir a obra literária de Álamo Oliveira.

1. *foi uma sorte conhecer-se o fim da ilha. | caso contrário ainda hoje pensariamos que o mar | era uma doença azul ou cinzenta onde cada barco é apenas uma visita.*

Natural da freguesia do Raminho, Terceira, estudou em Angra, de onde, por um período prolongado, se ausentou apenas quando foi mobilizado para a Guiné. Desta sua experiência resultou um dos primeiros romances portugueses sobre a guerra colonial - *Até Hoje (Memórias de Cão)* -, por sinal também pioneiro noutro domínio: a abordagem frontal da homossexualidade. O livro tem sido injustamente ignorado (certamente por desconhecimento) nos estudos sobre as temáticas da Guerra colonial e questões do género.

2. *ninguém pergunta o que está para lá da rocha | e eu - que já vi as marés saboreando as nossas pedras - fiz uma promessa pacata de tomar comprimidos em surdina.*

A poesia (tem já doze volumes publicados) tornou-se o seu registo com maior reconhecimento, em parte por ter sido o género mais assíduo nas suas primeiras décadas de intervenção literária. Uma voz polifónica em vários registos, Álamo manteve-se sempre equidistante das correntes cujos ares respirou. Empenhado e comprometido com a sua terra e gente, não derrapou nunca para qualquer militância ideológica. O seu humor, entre o sarcasmo e a ironia, manteve-o crítico, permitindo-lhe um distanciamento sadio entre a ilha que ama profundamente e a literatura que cultiva e usa como arte e não mera arma política.

3. *lembro-me de ter ultrapassado o arame farpado da ilha. | mas lá fora os homens também vivem em arame farpado | e ainda pior que o nosso pois mata mais que um insecticida. | além disso os homens lá de fora esquecem-se depressa | e não têm o cunho ilhéu de viverem com as mãos apertadas | para se fazerem flutuar.*

Uma das áreas em que na sua ilha se envolveu foi o teatro. Fundou e dirigiu o mais importante grupo teatral dos Açores da sua geração - o Alpendre - de que foi encenador durante largos anos. Várias das peças levadas à cena são de sua autoria. 14 estão publicadas em livro.

4. *(quando pensei que já nada valia a pena | resolvi | escrever montes de palavras para as fechar no circuito | limitado da ilha).*

Foram montes de palavras em livro. Romances ou narrativas, contam-se sete, e mais dois livros de contos. Quase toda esta obra foi publicada nos Açores. Poucas são as exceções. Em Lisboa, a Ulmeiro, por exemplo, publicou-lhe *Triste Vida Leva a Garça*, a reunião da sua poesia até 1984, bem como a 2ª edição do romance *Até Hoje (Memórias de cão)*. Ambos acabaram não sendo muito divulgados porque a editora fechou. Alguma da sua poesia está traduzida em mais do que uma língua, e o romance *Já Não Gosto de Chocolates*, editado em inglês e japonês.

A seguir à ida para a guerra, a mais prolongada ausência de Álamo dos Açores foi na Universidade da Califórnia Berkeley, onde esteve como Escritor-em-Residência. Viajou frequentemente para a Califórnia e Canadá, todavia regressou sempre à Terceira, a sua Base-ninho.

5. *Os aviões passam por cima e falam do mundo maior; | comprimem as asas d' aço e ficam-se na gente por | uns instantes. em cada um procuro imagens - imagens | que nunca chegam a ser defuntas pois têm | sempre uma enorme vontade de viver.*

É muito vasta e plurifacetada a dimensão da sua verdadeiramente espantosa (não há nada de hiperbólico no termo) actividade cultural. Dirigiu a coleção de livros "Gaivota", na Secretaria Regional de Educação e Cultura, que publicou mais de oito dezenas de títulos; desenhou capas para cerca de duas centenas de obras (os amigos organizaram uma exposição só com elas); na imprensa local, coordenou durante anos mais de 300 números do suplemento literário "Quarto Crescente" e 450 do "Vento Norte"; escreveu inúmeras letras para marchas das Festas da Cidade de Angra e até desenhou peças de indumentária para figurantes, nunca se negando a pedidos de toda a ordem para colaborar em manifestações de cultura popular.

6. *no seio | de cada poro dos meus medito num silêncio | prematuro de palavras que me fugiram em noites | de feror. o ascetismo | nasceu-me no dia das promessas vãs. | admirem-se os loucos e os diabos. rabisco-me veloz. | atirem-me ramos de crisântemos. é mais fácil.*

Ramos de crisântemos, nada! Atirem-lhe ramos de palmas!

Há décadas repito que o Álamo abusa de talentos. Nos Açores, ele é uma instituição que perdurará muito depois de tantas desaparecerem. A promessa-vaticínio anunciada bastante precocemente, há 49 anos, nesse "Poema-flor-e-flores" foi amplamente cumprida. É hoje mais do que óbvio que nessa altura não apenas *Pão Verde*, mas a sua obra-a-ser estava mais que madura. Faltava apenas transmiti-la ao papel. E ele fê-lo com enorme facilidade. Quase sempre em surdina, escondido num recanto da sua ilha Terceira, o seu Raminho, de onde foi continuamente lançando raminhos de oliveira cheios de palavras.

"[E]u escrevo porque gosto de amar", escreveu ele nesse precioso livrinho. Os organizadores da exposição captaram esse espírito no título dela: "O meu coração é assim - 75 anos de Álamo Oliveira.

Ramos de palmas, sim. Agradecidas e com votos de continuidade. Porque o Álamo está aí para as curvas.

O magnífico catálogo da exposição em cuja capa figura o retrato do autor que ilustra esta minha crónica, está disponível online e merece ser visitado, pois é um autêntico modelo no género:

<https://bparlrs.azores.gov.pt/o-meu-coracao-e-assim-75-anos-de-alamo-de-oliveira/?cn-reloaded=1>